



Canadá

# Uma visão do mundo

NÚMERO 28

## Novo Mundo, Nosso Mundo

### O Canadá nas Américas



- O papel de liderança do Canadá no Haiti
- As potências econômicas da América do Sul



Foreign Affairs Canada / Affaires étrangères Canada

Ministério das Relações Exteriores do Canadá

Canadá

## Informativo sobre **Canadá – Uma visão do mundo**

*Canadá – Uma visão do mundo* fornece um panorama do ponto de vista do Canadá com relação a questões de política externa e destaca as contribuições e iniciativas internacionais do governo do Canadá. *Canadá – Uma visão do mundo* é publicado trimestralmente em inglês e francês pelo Ministério das Relações Exteriores do Canadá (Foreign Affairs Canada – FAC).

As opiniões expressas por colaboradores citados não refletem necessariamente as opiniões do governo do Canadá.

Mary Gooderham  
*Editora Gerente*

### Entre em contato conosco:

*Canadá – Uma visão do mundo*  
(*Canada World View*)

Foreign Affairs Canada  
125 Sussex Drive, BCS C-2  
Ottawa (Ontário) K1A 0G2  
Fax: (613) 992-5791

E-mail: [canada-magazine@international.gc.ca](mailto:canada-magazine@international.gc.ca)

### Faça a assinatura on-line:

*Canadá – Uma visão do mundo* pode ser encontrada em [www.international.gc.ca/canada-magazine](http://www.international.gc.ca/canada-magazine).

As assinaturas por e-mail estão disponíveis nesse site por meio de nosso serviço de assinatura on-line.

### Nossa capa

Christian Marroquín, de dois anos, posa com as bandeiras canadense e peruana, no pátio de sua casa, em Pajonal Bajo, Peru. O Serviço Universitário Mundial do Canadá apóia um projeto de reconstrução após um terremoto que atingiu a comunidade, patrocinado pela Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional.

*foto: Greg Kinch/CIDA-ACDI*

### Esta página

Um músico toca uma flauta longa no carnaval de Oruro, Bolívia, uma cidade mineira na região do planalto boliviano.

*foto: CP (Marco Simoni)*

Número 28 • Inverno 2006

ISSN 1491-4573

# ÍNDICE



<b>Ponto de Vista:</b> Um Mundo Melhor .....	3
<b>Matéria de Capa:</b> De Olho nas Américas .....	5
O Canadá e a OEA .....	8
<b>Cultura:</b> Os Mundos Dentro de Nós.....	10
Canções no Tom da Esperança .....	11
<b>Diplomacia:</b> Sensibilidade Latina, Credibilidade Canadense.....	12
Laços de Família .....	13
<b>Aborígine:</b> Encontrando um Denominador Comum.....	14
<b>Ciência e Tecnologia:</b> Fazendo a Conexão.....	15
<b>Comércio e Investimentos:</b> Oportunidades de Crescimento .....	16
<b>Juventude:</b> O Aprendizado com Maple Bear.....	17
Representações do Governo do Canadá .....	18
Crônicas de Cuba.....	20

# UM MUNDO MELHOR

Michaëlle Jean tornou-se a nova Governadora Geral do Canadá em 27 de setembro de 2005. A Sra. Jean teve uma diversificada carreira de sucesso como aluna e professora de línguas e também como apresentadora e comentarista social no Quebec, enquanto se dedicava à causa de pessoas carentes, inclusive mulheres desfavorecidas e crianças em risco. Nascida no Haiti, ela fugiu do país quando criança em tenra idade, em 1968, quando ela e a família buscaram refúgio no Canadá. A Sra. Jean traz para o cargo de Governadora Geral uma perspectiva ímpar, por representar os canadenses e o Canadá em todo o mundo. A seguir, alguns trechos de seu discurso de posse.



foto: Sarg. Eric Jolin, Rideau Hall

Hoje, aqui, viro uma página significativa em minha própria história, ao embarcar nesta nova aventura com esperança e determinação.

A esperança tem sido um farol para mim desde a infância e também na vida adulta. Está incorporada neste país com suas possibilidades ilimitadas – este país que às vezes não prezamos como deveríamos. A minha história começa como uma criança pequena em outro país, um país “envolto em arame farpado da cabeça aos pés”, nas poderosas palavras do poeta haitiano exilado, René Depestre, que também é meu tio. A história daquela menininha, que observava os pais, a família e os amigos lutando contra os horrores de uma ditadura cruel, que se tornou a mulher que hoje está diante dos senhores, é uma lição no aprendizado de ser livre.

Conheço o preço da liberdade; sei o legado que ela representa para cada criança, para cada cidadão deste país. Eu, cujos ancestrais foram escravos, que nasci em uma

civilização há muito reduzida a murmúrios e gritos de dor, conheço um pouco acerca do preço da liberdade, e também sei o tesouro que ela é para todos nós.

Cada mulher canadense, cada homem canadense aprecia essa liberdade e desafiaria qualquer um que tentasse usurpá-la – disso, não tenho dúvidas. De Signal Hill à Ilha de Vancouver, da Terra de Baffin às Minas de Thetford, nossa liberdade nos une a todos. A liberdade marcou nossa história e nosso território; marcou nossas brisas de verão e nossos uivantes ventos de inverno. Ajudou a criar o espírito de aventura que amo acima de tudo neste país, país em que todos e cada um de nós pode participar plenamente da constante tarefa de edificá-lo.

Há mais de quatro séculos, tal espírito de aventura impeliu mulheres e homens a cruzar o oceano e descobrir um novo mundo, em outro lugar. Tal espírito também guiou as Primeiras Nações a transmitir a esses novos colonizadores

Michaëlle Jean, 27ª Governadora Geral do Canadá, profere seu discurso de posse no Senado, em Ottawa, em 27 de setembro de 2005.

Sra. Jean, seu esposo, Sua Excelência Jean-Daniel Lafond e a filha do casal, Marie-Eden, no Senado.



foto: Sarg. Eric Jolin, Rideau Hall

a essência desta terra generosa. E incentiva pessoas de todo o mundo a compartilharem de nossos horizontes ou a se refugiarem aqui e a começar de novo, a salvo da tirania e da violência. Inspira nossos artistas, nossos cientistas, nossos guardiões da paz e nossas instituições, à medida que trabalham para propagar nosso conhecimento e difundir nossa mensagem de esperança. Hoje, somos o somatório de tais aventuras.

Somos encorajados a acreditar que tudo é possível neste país, e a minha própria aventura representa, para mim e para outros, uma centelha da esperança que quero manter viva para o maior número possível de pessoas.

Sei que o nosso planeta é frágil, e que desastres naturais, como o que recentemente acometeu nossos vizinhos norte-americanos, são um lembrete brutal da nossa fragilidade. Vimos tantos perderem suas posses. E, como sempre ocorre nessas circunstâncias, vimos emergir segmentos inteiros da população, dentre os mais carentes, homens e mulheres que não tinham aonde ir. Privados de suas posses, sem pontos de referência, enfrentando a pura desolação, e até a absoluta consternação. Vimos imagens como estas antes – de Darfur, do Haiti, da Níger. Mas desta vez, vieram de Nova Orleans, das margens de uma sociedade afluente.

Vieram outras mudanças, mudanças que, às vezes, nos deixam perplexos. Redefinindo as fronteiras nacionais e os violentos levantes que por vezes as acompanham, a abertura de mercados, a velocidade e a convergência de nossos sistemas de comunicação, significam que o mapa do mundo está mudando dia após dia, diante dos nossos olhos, e que alguns países podem estar imaginando onde se encaixam. As apostas são altas: envolvem participar da crescente globalização e, ao



A Sra. Jean e a Secretária de Estado dos E.U.A. Condoleezza Rice encontram-se em Rideau Hall em 25 de outubro de 2005.

mesmo tempo, proteger as características que enriquecem a humanidade com nossas próprias percepções do mundo.

Como jornalista, profissão que exerci com paixão e determinação, fui uma testemunha privilegiada de muitos levantes e de uma abertura para o mundo sem precedentes. Comprometo-me a continuar ouvindo e asseguro que minha curiosidade permanecerá aguçada. Estamos em um momento decisivo na história da civilização e, muito mais do que antes, o nosso futuro repousa sobre aqueles que nos levam a imaginar o mundo de amanhã. Tais mulheres e homens estão, hoje, mostrando a ampla gama daquilo que nos é possível. Estão gravando em nossas lembranças a amplitude de nossas aspirações. Empunham e sustentam um espelho que revela o hiato entre o que somos e o que aspiramos ser.

Há uma afirmação de Montesquieu, filósofo iluminista, que tem especial ressonância para mim. Ele declara: “O dever do cidadão torna-se um crime se o faz esquecer o dever do homem”. A isso, é claro, eu acrescentaria: “o dever da mulher”, porque queremos reconhecimento como cidadãs plenas, por nosso próprio direito. Essa afirmação me inspira e me conforta; para mim, é um baluarte contra a barbárie que aflige tantos nesse mundo. E me faz lembrar o quão afortunados somos por sermos cidadãos de um país que não teme derrubar os muralhas do preconceito, e cuja generosidade constitui seu melhor atributo no seio das nações.

Espero, do fundo do coração, que, juntos, possamos conchamar o vigor de nossa história em comum para concretizar nosso desejo mais precioso e mais ambicioso: construir um mundo melhor. 🍁

**Leia o texto completo do discurso de posse da Governadora Geral Michaëlle Jean no endereço [www.gg.ca](http://www.gg.ca).**



Nova aventura: A Sra. Jean e o Sr. Lafond deixam Parliament Hill de carruagem, com escolta montada.

# DE OLHO NAS AMÉRICAS

**As ligações simbólicas, políticas, empresariais, pessoais e culturais do Canadá com a América Latina e o Caribe estão crescendo.**

Uma trupe local executando danças latinas tinha uma surpresa para visitantes canadenses em Cajamarca, Peru, uma noite, em maio passado. Quando o espetáculo terminou, os dançarinos foram até a beirada do palco e desfraldaram o que parecia ser uma bandeira canadense – mas não era. No centro da bandeira peruana, de listas verticais vermelhas e branca, onde deveriam estar as armas nacionais do Peru, fora pintada uma folha de bordo canadense, o que a tornou uma perfeita amálgama das duas bandeiras.

O gesto não passou despercebido de Denise Brown, que guiava os visitantes do grupo de alunos e corpo docente da Universidade de Calgary, em sua função de diretora de Estudos Latino-Americanos. “Foi uma experiência genuinamente aglutinadora”, disse Broen, cujos alunos de campo fazem viagens anuais à América Latina.

Muitas dessas experiências resultam das crescentes conexões do Canadá com as culturas dinâmicas da região das Américas, que tem mais de 500 milhões de pessoas, compreendendo as Américas Central e do Sul e o Caribe, e oferece novos horizontes de oportunidades para parcerias construtivas.

Há muito um defensor dos direitos humanos, dos processos democráticos e da minoração da pobreza nessa região politicamente complexa, o Canadá atualmente contribui para liderar os esforços de restauração da estabilidade no Haiti, fomenta uma parceria crescente com o Brasil, que é uma potência regional, e promove o fortalecimento da governança em todas as Américas.

“Esta é a nossa vizinhança”, diz Peter Boehm, vice-ministro adjunto do Ministério das Relações Exteriores do Canadá e ex-embaixador canadense na Organização dos Estados Americanos (OEA). Para Boehm, que foi representante pessoal do Primeiro-Ministro na Quarta Cúpula das Américas em novembro último, em Mar del Plata, Argentina, “é de nosso interesse ter um hemisfério forte e democrático, e estamos



foto: CP (Fred Chartrand)



fazendo a nossa parte, com comprometimento e concentração”.

## Laços que vinculam

Os canadenses têm uma série de laços históricos, políticos, simbólicos, empresariais, culturais, religiosos e pessoais com a região.

A iniciativa do Primeiro Ministro Lester B. Pearson de ampliar a ajuda canadense em todo o mundo corroborou grande parte do trabalho de desenvolvimento liderado pelo Canadá na América latina. O Canadá tornou-se

observador permanente da OEA em 1972 e membro efetivo da organização em 1990. Naquela época, o fim de várias ditaduras e a estabilização das economias na região permitiram novas relações com a próspera América do Norte, que previamente se encontrava mais voltada para alianças europeias e asiáticas. Em 2001, a Terceira Cúpula das Américas foi realizada na Cidade de Quebec.

O comércio com a região tem se ampliado significativamente. O Canadá exportou 7,2 bilhões de dólares para a América Latina e o Caribe em 2004, um aumento de 26 por cento em relação ao ano anterior, enquanto mais de 19 por cento dos investimentos estrangeiros diretos do país em 2004, cerca de 85 bilhões de dólares, foram feitos na região.

“Os governos canadenses sempre devem observar de perto os eventos no nosso próprio hemisfério, por inúmeras razões, inclusive nossos próprios interesses”, observa Oakland Ross, correspondente latino-americano do *The Globe and Mail* na década de 1980.

Neal De Florio, presidente da Monarca Property Corp., em Toronto, acredita que há um enorme potencial econômico não-explorado na América Latina. Há disparidades políticas e sociais, assim como polaridades entre as lideranças da região, admite De Florio, cuja empresa atua na intermediação

Líderes da Quarta Cúpula das Américas reúnem-se ao redor da mesa para uma sessão plenária em Mar Del Plata, Argentina, em 5 de novembro de 2005.

de desenvolvimento imobiliário na América Latina, porém não mais do que em “outros grandes mercados emergentes”.

A região apresenta um rico mosaico de necessidades prementes e outras de mais longo prazo.

Desastres como a devastação infligida pelos furacões Stan e Wilma no último outono na América Central e no México contaram com o amparo canadense. O setor privado e organizações não governamentais do Canadá colaboraram com os esforços após a destruição, tais como um lançamento aéreo na Guatemala de doações de suprimentos para bebês e barracas para abrigo temporário, enquanto o governo federal forneceu auxílio de financiamento imediato.

Décadas de trabalho de desenvolvimento lideradas por grupos canadenses de igrejas, organizações de direitos humanos e ONGs, muitos em cooperação com a Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional (CIDA) em países como Bolívia, Honduras e Haiti, criaram uma reputação positiva para o Canadá, fundamentada não apenas no reconhecimento da construção de escolas locais, clínicas para atendimento médico e unidades de tratamento de água mas também em valores sociais profundamente arraigados.

“Muitas vezes, o Canadá é visto como um caso interessante – e inspirador – no tocante a questões como direitos das minorias e dos povos indígenas, bilingüismo e multiculturalismo, o status das mulheres e políticas sociais”, comenta Victor Armony, um imigrante argentino que é professor de sociologia na Universidade do Quebeque em Montreal (Université du Québec à Montréal – UQAM) e editor do *Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies*.

## Ajuda para o Haiti

Levantes políticos na região têm atraído a ajuda canadense em conjunturas cruciais. O conjunto de esforços governamentais do Canadá no Haiti, por exemplo, colocou o Canadá em primeiro plano na oferta de assistência à segurança, ajuda ao desenvolvimento e apoio diplomático *in loco*, desempenhando, mais recentemente, um papel central na assistência prestada por ocasião das eleições nacionais, com o apoio de 29,5 milhões de dólares, além de projetos para o envio de até 300 observadores para as eleições.

O Haiti é o país que mais recebe ajuda canadense no hemisfério. O apoio ao desenvolvimento nas áreas de saúde, educação e agricultura representa parcelas importantes da contribuição.

Um papel histórico na manutenção da paz internacional também leva o Canadá a liderar os esforços de segurança no Haiti, país que sofreu anos de levantes debilitantes. As forças policiais canadenses, inclusive a Polícia Real Montada do Canadá, que integraram a missão das Nações Unidas no país, ajudam a treinar a polícia haitiana e a reconstruir delegacias de polícia e prisões danificadas, enquanto consultores canadenses trabalham junto ao Ministério da Justiça do Haiti na reforma judicial e na restauração do estado de direito.

Darren Schemmer, Diretor Geral de política e planejamento na Filial Américas da CIDA, diz que a turbulenta situação do Haiti tem exigido uma abordagem cuidadosa de construção de consenso. Schemmer afirma que o Canadá “tem desempenhado um papel de liderança na articulação de doadores em um arcabouço de cooperação bem coordenado”, em áreas como agrossilvicultura e programas educacionais.

Os laços entre o Canadá e o Haiti foram salientados pela entusiasmada recepção dada nos dois países à nomeação da nova Governadora Geral do Canadá, Michaëlle Jean, nascida no Haiti, descendente de escravos e filha de exilados do país.

A Sra. Jean imediatamente tornou-se porta-estandarte dos valores canadenses, e sua nomeação é uma evidência do relacionamento maduro do Canadá com a região. “A nomeação da Governadora Geral simboliza alguns de nossos laços, dentre os quais os lingüísticos”, observa John Foster, pesquisador chefe do *North-South Institute*, em Ottawa.

## A hora da democracia

O exemplo do Haiti salienta que a verdadeira superação da pobreza requer estabilidade democrática. Em uma região ainda marcada por grandes desigualdades, o Canadá concentra grandes esforços na governança.

Embora as eleições livres sejam atualmente, de um modo geral, uma norma na região, o Canadá continua a estimular o respeito ao Estado de Direito, maior transparência e inclusão dos povos indígenas e das mulheres nos processos políticos. “Para nós, é um papel natural”, observa Boehm.

O Canadá entende que essas questões são particularmente importantes para a região porque a democracia é a base do crescimento econômico. Essa vinculação foi



foto: CP (Jose Luis Magana)

Devastação causada pelo furacão Stan: pessoas são puxadas sobre trilhos para cruzar a ponte internacional destruída, na fronteira México-Guatemala, na cidade Hidalgo, México. A assistência canadense ajudou as comunidades afetadas por violentas inundações e deslizamentos de lama após a tempestade, em outubro de 2005.



Oferta de ajuda: o capitão Shawn Courty do 2º Batalhão do Regimento Real Canadense ajuda um menino a fazer a primeira cesta em uma rede instalada por soldados em um orfanato local, na capital haitiana, Porto Príncipe. O regimento faz parte da contribuição do Canadá para a Missão de Estabilização das Nações Unidas no país.

explicitada no tema da recente Cúpula das Américas – Criar Trabalho para Enfrentar a Pobreza e Fortalecer a Governabilidade Democrática.

## Comércio

O papel do Canadá como fomentador de consenso na região vem ganhando notoriedade, principalmente devido ao impasse na Cúpula quanto à questão da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA). O Canadá assumiu um compromisso inequívoco para com o sucesso da ALCA, com base na premissa de que um comércio mais livre e mais justo tiraria as pessoas da pobreza. Superadas as diferenças, o hemisfério poderia se tornar a maior aliança econômica do mundo.

No entanto, após a Cúpula, apesar de 29 nações terem concordado em renovar as negociações da ALCA, quatro acreditaram que as condições para o livre comércio não eram propícias naquele momento e uma rejeitou completamente a ALCA. A Venezuela defendeu uma contra-estratégia no sentido de centrar os esforços de cooperação na América do Sul.

“A América Latina requer abordagens que enfoquem o desenvolvimento humano, os mercados internos e as capacidades internas”, explicou Ricardo Grinspun, nascido no Chile, professor de economia do Centro de Pesquisas sobre

América Latina e Caribe, da Universidade York, em Toronto. “Os mercados e as finanças internacionais desempenham um papel nisso tudo, mas não são um fim em si mesmos”.

No entanto, Andres Oppenheimer, um influente colunista do *Miami Herald*, endossa vigorosamente as premissas da ALCA. “A China, a Índia e os países do leste europeu têm empreendido o que talvez seja a maior redução de pobreza da história do mundo”, afirma, “e isso predominantemente em função de sua abertura comercial para o mundo”.

## Brasil: Uma prioridade emergente

Embora a cooperação multilateral no hemisfério seja crítica, as relações do Canadá com os países, individualmente, também são essenciais. Um elo chave é com o Brasil, um gigante emergente que compreende metade da população e do PIB da América do Sul, identificado na recente Declaração de Política Internacional do Canadá como nação prioritária.

“O Brasil é um ator importante, sofisticado e influente no cenário multilateral, tanto nas negociações de comércio internacional, como líder do G20, quanto nas operações de manutenção da paz das Nações Unidas”, observa Florencia Jubany, analista política sênior da Fundação Canadense para as Américas (FOCAL), em Ottawa. “O Brasil também é um importante protagonista nas Américas, e compartilha muitos pontos de convergência com a política externa do Canadá”.

Jamal Khokhar, Diretor Geral do Escritório para a América Latina e o Caribe do Ministério das Relações Exteriores canadense, diz que o Canadá e o Brasil “têm em comum não só o hemisfério, mas também metas, prioridades e – talvez o mais importante – valores”. Isso torna os dois países parceiros naturais, segundo ele. “Vivemos em um mundo de potências em ascensão e o Brasil é uma dessas potências. O Canadá aprecia a liderança do Brasil e acredita que o país pode fazer uma diferença no hemisfério”.

O Brasil é uma força motriz da integração na América do Sul, onde tem desempenhado um papel moderador, o que é de suma importância dadas as dificuldades econômicas de nações andinas vizinhas, como Bolívia e Equador, e o potencial de agitação política nas mesmas.

## O bairro latino

Os brasileiros também apreciam a qualidade da educação das escolas canadenses. O Canadá é o maior destino internacional de estudantes brasileiros, aos quais se somam números crescentes de jovens de países como Colômbia, Venezuela e Argentina.

“Nas minhas aulas vejo números crescentes de alunos da região”, afirma Andy Hira, especialista em América Latina da Universidade Simon Fraser em Burnaby, Colúmbia Britânica. “Para um aluno latino-americano, ter um diploma do Canadá é, definitivamente, uma alavanca no mercado de trabalho no país natal.”

Segundo o censo de 2001, cerca de 787.000 pessoas da região mudaram-se em caráter definitivo para o Canadá, desde as ondas de refugiados que fugiram dos conflitos políticos na Argentina e no Chile nos anos 1970 e 1980, à afluência maciça de imigrantes de países caribenhos, tais



A esperança flutua: Pescadores no lago Olomega, perto de San Miguel, em El Salvador, conseguiram comprar barcos novos como este, denominado *Fé y Esperanza* graças à ajuda canadense à cooperativa de pesca.

como Jamaica e República Dominicana, que se estabeleceram nas grandes áreas urbanas do Canadá.

Dignos de nota pela coesão e pelas fortes organizações comunitárias são os imigrantes haitianos de Montreal, comenta Victor Armony da UQAM. Os elos lingüísticos e religiosos com a cultura francófona católica dominante criaram fortes ligações entre os haitianos e a sociedade de Quebeque, afirma, acrescentando que outros imigrantes da região passam a ser mais visíveis em outras comunidades. “Já é possível ver latino-americanos atuantes nos conselhos consultivos de escolas locais e na política municipal”.

Uma coisa que fascina Andres Mendoza, Gerente Nacional de Marketing da EMI Music Canada, em

Toronto, é que a expressão cultural latina assume novos temperos no Canadá, porque artistas de diversas nações da região se reúnem aqui. “A música latina criada no Canadá tem um estilo latino-canadense distinto, em virtude da interação entre as culturas”, explica Mendoza, originário do Chile.

Artistas do Caribe também integram essa miscelânea. A saxofonista canadense Jane Bunnett construiu uma vasta gama de relacionamentos com músicos cubanos, com os quais produziu muitas gravações de jazz e fez amplas turnês.

### Uma atuação diferente em Cuba

O Canadá e Cuba registraram 60 anos de laços diplomáticos formais em 2005. Cuba infunde respeito no mundo em desenvolvimento por sua tenacidade e independência. “Cuba supera a si mesma”, afirma John Kirk, especialista em Cuba, professor do Departamento de Espanhol da Universidade Dalhousie, em Halifax.

Kirk apóia a abordagem do Canadá de manutenção de relações contínuas com Cuba, em contraste com o estranhamento dos E.U.A. para com a ilha-nação. “ONGs canadenses e organizações da igreja têm realizado um forte trabalho em Cuba”, afirma.

Atualmente, o Canadá trabalha com afinco nessa relação, acrescenta, fortalecendo um vínculo cuja importância crescerá em uma era pós-Castro, quando o comércio canadense com a ilha poderá ser ampliado, bem como a influência do Canadá em termos de desenvolvimento democrático.

## O Canadá e a OEA

Nos 15 anos em que tem sido membro da Organização dos Estados Americanos (OEA), o Canadá tem tido êxito em fazer com que sua influência seja sentida.

Quando o país passou do status de observador permanente para membro permanente da OEA, em 1990, houve a preocupação de que a independência do Canadá pudesse ser comprometida pela participação em um órgão no qual os Estados Unidos fossem um membro tão importante. Atualmente, os observadores concordam que apesar dos altos e baixos da organização, o Canadá tem se beneficiado com o ingresso na mesma.

Yasmine Shamsie, professora adjunta de Ciência Política na Universidade Wilfrid Laurier e especialista em política latino-americana, participou ativamente da comunidade de ONGs há 15 anos, tendo sido contra a participação do Canadá como membro da OEA. Agora, no entanto, ela acredita que isso foi bom.

“Fizemos uma grande contribuição”, afirma, apesar de acrescentar que o Canadá pode fazer ainda mais na organização. “Com certeza ampliamos o nosso perfil na região, o que não teríamos conseguido sem sermos membros da organização”.

O embaixador do Canadá na OEA, Paul Durand, diz que a adesão à organização foi “uma decisão de política externa muito significativa” para o Canadá. “Com isso, anunciamos ao mundo que o Canadá é uma nação das Américas. Somos

reconhecidos e estimados na OEA como um membro progressista, construtivo, um membro que tem feito uma grande contribuição nas questões do hemisfério”.

O Sr. Durand diz que o Canadá tem tido êxito em conseguir que a OEA atenda às suas prioridades – “tudo, desde a campanha das minas terrestres, passando por questões relacionadas a direitos humanos, governança democrática, até a convenção anticorrupção nas Américas” – que, de certa forma, transformou a entidade. A adesão à OEA também ajudou o relacionamento do Canadá com os E.U.A., afirma, com os dois países percebendo que não têm importantes diferenças hemisféricas, exceto no tocante às relações com Cuba.

Edgar J. Dosman, pesquisador sênior do Centro de Estudos de Segurança Internacional da Universidade York, diz que o Canadá ingressou na OEA no momento certo. A América Latina estava se democratizando e o Canadá – não mais estrategicamente importante para a Europa nem para os E.U.A., com o final da Guerra Fria – buscava novos horizontes.

O Canadá é o segundo maior colaborador da OEA, com uma contribuição anual estimada em US\$ 9 milhões, o que representa mais de 12 por cento do orçamento regular da organização. O Canadá também efetua contribuições voluntárias significativas.

O Canadá é visto na OEA como um participante equilibrado, um “ator razoável”, que não é orientado pela agenda de nenhum país ou região, afirma o Sr. Durand,



## Um futuro conjunto

Interesses comerciais e geoestratégicos há muito têm-se somado à ajuda para o desenvolvimento, a preocupações com direitos humanos e a incontáveis laços interpessoais nas relações do Canadá com seus vizinhos meridionais.

Atualmente, a necessidade de cooperação e entendimento dentro da região é ainda mais crucial. E o Canadá está mais comprometido do que nunca com o avanço da democracia na região, principalmente diante da pobreza persistente e dos problemas de equidade.

Eduardo del Buey, Diretor Executivo da FOCAL, parceira da América Latina há mais de 30 anos, lembra-se de uma época em que os internacionalistas resistiam envolver-se com a região. “Era o beijo da morte do ponto de vista da carreira”, diz. “Hoje, os melhores e mais inteligentes que temos estão indo para lá”.

E deveriam mesmo. A realidade geográfica do Canadá como país das Américas representa uma importante oportunidade para sua prosperidade econômica e para a ampliação das parcerias políticas. O país também tem a responsabilidade de modelar e compartilhar os valores e as práticas canadenses nas áreas de democracia, direitos humanos e boa governança.

Armony diz que seus colegas acadêmicos latino-americanos vêem o Canadá como “um exemplo de inovação, eficiência e harmonia social”. É possível idealizar muito o exemplo canadense, mas ainda assim a oportunidade de o país efetuar mudanças na região é real.

foto: Pierre Sr-Jacques/CIDA-ACDI



“O Canadá tem um enorme potencial de tornar-se uma força em prol da democracia e da igualdade social em todo o hemisfério”, afirma. “O Canadá tem um forte capital de credibilidade”. 🍁

**Saiba mais sobre o Canadá e as Américas acessando [www.international.gc.ca/latinamerica](http://www.international.gc.ca/latinamerica).**

Cooperação Canadá-Brasil: especialistas examinam plântulas em uma fazenda experimental patrocinada pelo Canadá em Ouro Preto, Brasil, que incentiva pequenos fazendeiros a plantarem árvores rentáveis ao mesmo tempo em que preservam o ambiente da floresta.

“apesar de ser um desafio diário” não ser puxado para um lado ou outro.

Há uma série de desafios pela frente para a OEA, nos quais o Canadá pode ter um papel a desempenhar. Dosman diz que o mundo após 11 de setembro é um lugar mais complexo para a política externa – e também para a organização.

Há pressões muito fortes quanto ao futuro do Haiti e crescentes preocupações acerca das perturbações sociais em países como Bolívia, Equador, Colômbia e Venezuela. O Sr. Durand fala sobre uma “polarização emergente, na qual a América do Sul tem indicado que deseja seguir seu próprio rumo”.

Também existe o potencial de divergências acerca de Cuba, que virá à tona na era pós-Castro. O Sr. Durand diz que Cuba será uma questão “extremamente difícil” a ser tratada pela OEA. “É uma questão óbvia que está sendo cuidadosamente evitada.”



▲ Hall das Américas na sede da OEA em Washington: O Canadá tem tido êxito em conseguir que a OEA atenda às suas prioridades.

◀ Embaixador do Canadá na Organização dos Estados Americanos, Paul Durand: Ingressar na organização foi “uma decisão de política externa muito significativa” para o Canadá.

Leia mais informação sobre Canadá é o OEA no endereço : [www.international.gc.ca/latinamerica/oas-en.asp](http://www.international.gc.ca/latinamerica/oas-en.asp).

## OS MUNDOS DENTRO DE NÓS

**Expatriados do Caribe e da América Latina estão ajudando a remodelar a paisagem literária do Canadá.**

Quando o escritor Neil Bissoondath teve sua primeira obra publicada em 1985, sentiu que havia uma expectativa de que escreveria apenas sobre o Caribe.

Bissoondath, que emigrou para o Canadá da ilha de Trinidad como um jovem estudante em 1973, diz que “lutou contra o rótulo de ‘escritor de Trinidad’ porque o rótulo era extremamente restritivo”. Por contraste, em seu primeiro livro, *Digging Up the Mountains*, ambientou as histórias em Toronto, na Espanha e no Japão, bem como no Caribe e na América Latina.

Tal como muitos escritores da região que tornaram o Canadá seu lar, em seu trabalho Bissoondath passeia pelo velho e pelo novo mundo, criando novas formas pelas quais os canadenses podem enxergar a si mesmos. Segundo ele, “o Canadá é um lugar tão acolhedor para vozes diferentes que a pessoa se sente livre para explorar o que quer que sua imaginação lhe ofereça”.

Desde a década de 1960, escritores imigrantes do Caribe e da América Latina têm deixado sua marca na paisagem cultural canadense. Austin Clarke, que deixou Barbados em 1955 para estudar no Canadá, ganhou muitos prêmios literários por seus nove romances e cinco coleções de contos – inclusive o prêmio Giller de 2002 para

*Mojo: Conjure Stories*, de Nalo Hopkinson; *Doing the Heart Good*, de Neil Bissoondath; *Midnight Robber*, de Nalo Hopkinson; *The Polished Hoe*, de Austin Clarke; *The Unyielding Clamour of the Night*, de Neil Bissoondath; *Skinfolk*, de Nalo Hopkinson.



foto: Anne Marcoux

Vozes diferentes: O escritor Neil Bissoondath diz que no Canadá um escritor “se sente livre para explorar o que quer que a imaginação lhe ofereça”.

*The Polished Hoe*. Natural de Trinidad, Dionne Brand vive no Canadá desde 1970, e tornou-se renomada como poetisa e, mais recentemente, como romancista. Alberto Manguel, antologista, tradutor, ensaísta, novelista e escritor internacionalmente aclamado, natural da Argentina, tornou-se cidadão canadense em 1982. E uma década após ter chegado a Montreal, proveniente do Haiti, seu país natal, em 1976, Dany Laferrière publicou seu primeiro romance, amplamente elogiado e intitulado *How to Make Love to a Negro*.

Os escritores da região não são passíveis de uma categorização simples. Alguns exploram a experiência de vida como “novos canadenses”. Outros buscam inspiração em seus lugares de origem. Outros ainda abordam temas quintessencialmente canadenses. O romance de Bissoondath, *Doing the Heart Good*, por exemplo, é a história de um anglófono montrealense de 70 anos que é obrigado a viver com a filha e sua família bilingüe. Entre as outras obras de Bissoondath incluem-se

*The Worlds Within Her* e, mais recentemente, *The Unyielding Clamour of the Night*.

Nalo Hopkinson, filha de pais de origem jamaicana e guianense, viveu na Jamaica, em Trinidad e Tobago e na Guiana antes de se fixar em Toronto em 1977, sendo melhor conhecida por seus escritos de ficção científica e fantasia ambientados no Caribe. No entanto, ela também escreveu literatura erótica, uma performance artística, uma peça e, atualmente, trabalha em um romance gráfico e em um texto para histórias em quadrinhos. Também mantém estreitos vínculos com poetas *dub*, que escrevem uma forma de poesia “socialmente engajada” e musicalizada, que evoluiu na Jamaica.

“Às vezes as pessoas supõem que tenho um tema ou uma paleta, mas não tenho”, diz Hopkinson. “Assim como qualquer outro artista, vou com o que me arrebatava e sigo essa obsessão até que ela se realize. Agrego a tudo isso



foto: Thomas King

O escritor Austin Clarke deixou Barbados em 1955 para estudar no Canadá.



foto: David Finlay

Ponto de vista caribenho: a escritora Nalo Hopkinson diversifica sua obra, mas agrega a ela “uma consciência de raça, cultura, gênero e sexualidade, e como todos esses elementos se desdobram”.

uma consciência de raça, cultura, gênero e sexualidade, e como todos esses elementos se desdobram, e o faço, em grande medida, a partir de um ponto de vista caribenho”.

Em sua dissertação de doutorado, Pamela Mordecai – editora, poetisa e escritora, originária da Jamaica e que atualmente vive em Toronto – usou o termo “visão prismática” para descrever como as pessoas do Caribe entendem as coisas.

“As sociedades caribenhas – em função de suas histórias, localização e mesclas culturais – são fluidas em vez de estáticas”, diz Mordecai, cuja empresa, Sandberry Press, publica escritores caribenhos e escritores de legado caribenho. “A ‘visão prismática’ significa que os caribenhos toleram significados múltiplos – e, às vezes contraditórios –, sem sentirem a necessidade de os reduzir a um ponto de vista ou princípio único”.

O Ministério das Relações Exteriores canadense (*Foreign Affairs Canada* – FAC) tem ajudado a Sandberry a distribuir livros de autores caribenhos na região, além de promover escritores canadenses da América Latina e do Caribe em

turnês literárias pelo mundo. Ao participar de lançamentos de livros e de festivais no exterior, alguns escritores fizeram contatos valiosíssimos no seio da comunidade literária internacional. Em um evento patrocinado, por exemplo, Hopkinson foi convidada a editar uma antologia intitulada *Whispers from the Cotton Tree Root: Caribbean Fabulist Fiction*.

O FAC também apóia turnês, na América Latina e no Caribe, de artistas canadenses tais como escritores, pintores, membros de companhias teatrais, produtores cinematográficos, dançarinos e músicos. Em março de 2005, por exemplo, dois grupos musicais franco-canadenses realizaram uma turnê pela região para comemorar a participação do Canadá na Francofonia, com apresentações de Swing na Colômbia, Equador e Panamá e Marie-Jo Thério impressionando o público em El Salvador, Guatemala e Haiti com sua potente voz e sua habilidade ao piano.

Para os escritores e músicos Caribenhos que se mudaram para o Canadá, a distância de suas raízes oferece uma nova perspectiva. “Costumo escrever sobre um lugar depois que o deixo”, diz Bissoondath, que atualmente ensina redação criativa em francês na Universidade de Laval, na Cidade de Quebec. “Preciso da distância para permitir que as coisas sejam filtradas pela minha imaginação”.

Hopkinson, que voltou ao Caribe por ocasião de conferências de escritores para discutir seu trabalho, também diz que a sociedade canadense é mais aberta. “Sinto-me mais livre no Canadá do que me sentia no Caribe para escrever sobre aquilo que dá vontade. Há um sentimento de que uma pessoa pode ser tanto canadense quanto qualquer que seja sua própria origem”. Ela conclui: “Para mim, ter tudo isso é muito valioso.” ❁

foto: FAC



A cantora Eve-Lange Delouis

## Canções no tom da esperança

Quando a embaixada do Canadá no Haiti participou da organização de um festival de música no último verão para inspirar os jovens a votar nas eleições nacionais, Eve-Lange Delouis não teve dúvidas de que sua canção seria a vencedora. Delouis, de 26 anos, começou a cantar aos oito anos de idade no coral da igreja onde seu pai é pastor, perto da casa da família, nos arredores de Porto Príncipe. “Orei a Deus, todos os dias, para que eu fosse a vencedora”, disse ela.

Quando os finalistas se reuniram para apresentar suas músicas no Concerto pela Esperança, em 30 de outubro, os juízes anunciaram que Delouis, uma enfermeira, realmente havia ficado em primeiro lugar com sua apaixonada canção “Temos de votar” (“*Fòk n'al vote*”). Além do prêmio de 50.000 gourdes (aproximadamente 1.400 dólares), Delouis receberá dois anos de apoio promocional de uma organização local em sua carreira de cantora no Haiti e no exterior.

O festival, patrocinado pela Embaixada do Canadá em parceria com o Ministério de Cultura e das Comunicações do Haiti e Tamise, uma associação cultural haitiana, atraiu 60 inscrições. Os estilos musicais podiam variar, porém a letra das canções precisava inspirar os jovens a votar.

“O objetivo era criar um fórum no qual jovens haitianos pudessem expressar a importância da participação cidadã na vida do país, e a importância do processo eleitoral”, afirma Claude Boucher, Embaixador do Canadá no Haiti. “Além de demonstrar todo o talento e toda a riqueza cultural do Haiti, o festival testemunhou a força e a motivação da juventude haitiana”.

A qualidade dos trabalhos inscritos foi tão elevada que o júri de nove membros escolheu 15 finalistas, em vez de 10. As canções foram compiladas em um CD, que foi tocado pelas emissoras de rádio haitianas.

Albert Chancy, proprietário de uma emissora de rádio local, que encabeçou o júri, diz que o festival foi uma forma criativa de envolver os jovens nas eleições. “Temos muitos jovens no Haiti, mas não temos eleições com frequência, por isso muitos jovens não as conhecem de perto”, disse ele. “Inspirá-los a votar é indispensável.”

Eve-Lange Delouis está convencida de que os jovens podem desempenhar um papel crucial no processo democrático. “Estou muito otimista quanto ao futuro do Haiti”, disse ela, “a juventude precisa construir este país”.

Ouçe e baixe as canções da esperança no endereço : [www.port-au-prince.gc.ca](http://www.port-au-prince.gc.ca)

# SENSIBILIDADE LATINA, CREDIBILIDADE CANADENSE

**Ter raízes na América Latina confere aos diplomatas canadenses José Herran-Lima e Guillermo Rishchynski uma perspectiva diferente sobre a região.**

Uma carreira no vasto mundo da diplomacia canadense pode, às vezes, conduzir de volta à terra natal.

Dois novos líderes de missões canadenses na América Latina – José Herran-Lima, Embaixador do Canadá no Panamá, e Guillermo Rishchynski, Embaixador do Canadá no Brasil – têm raízes profundas na região.

Com sua compreensão inata da história, política, cultura e língua da região, esses dois diplomatas começaram suas missões com grande energia e empenho. Ambos estão ávidos por explorar suas raízes latinas a fim de contribuir para fomentar elos mais fortes entre o Canadá e seus vizinhos nas Américas.

O Sr. Herran-Lima cresceu em Bogotá, Colômbia, filho de mãe brasileira e pai colombiano que trabalhava no serviço diplomático de seu país. Quando

tinha 16 anos, a família se mudou para a cidade de Nova Iorque. O pouco que o Sr. Herran-Lima lia sobre o Canadá nos jornais de Nova Iorque deixou-o curioso e, em 1974, ele decidiu mudar-se para Toronto, tornando-se cidadão canadense três anos depois.

Em 1980, quando estudava na Faculdade de Direito Osgoode Hall, o Sr. Herran-Lima interessou-se pelo serviço diplomático canadense ao ver um anúncio no jornal da faculdade solicitando a candidatura de pessoas. “Naquele ano não houve muitas contratações e fui colocado na lista de espera. Um ano depois, fui aceito”.

O Sr. Herran-Lima pediu para não ser enviado à América Latina, porque “queria ver outras partes do mundo, primeiro”. No entanto, com sua formação em direito e falando espanhol, sua primeira incumbência, em 1981, consistiu

em atuar por três meses ajudando funcionários consulares em Lima, Peru, a lidar com um grande número de casos de canadenses acusados de crime de uso de drogas. Na embaixada em Lima, conheceu a secretária canadense, Susan Magee, que ao voltar ao Canadá se tornaria sua esposa. Posteriormente, o Sr. Herran-Lima foi designado para servir na Indonésia, no Zimbábue, na Guatemala e no Brasil.



foto: FAC

O Embaixador do Canadá no Panamá, José Herran-Lima, no Canal do Panamá, tendo ao fundo um navio em trânsito. O Canadá é o sétimo mais freqüente usuário do canal.

No Panamá, em sua primeira nomeação como embaixador, o Sr. Herran-Lima trabalha para ampliar os laços existentes. “Os laços históricos do Canadá com a Europa e com os Estados Unidos ocupam muito espaço”, diz ele. “Há muitos outros elos que podem ser criados com a América Latina”.

A chave é o contato interpessoal, diz o Sr. Herran-Lima. E isso vem aumentando. O número de turistas canadenses que visitam os balneários tropicais do Panamá e o número de estudantes panamenhos que optam por estudar no Canadá crescem rapidamente, sendo que o Canadá é o sétimo usuário mais freqüente do Canal do Panamá. Na década de 1980, quando o Panamá se encontrava sob um regime ditatorial, muitos panamenhos partiram para o Canadá, mas mantiveram seus laços após regressarem ao Panamá.



Apresentação de credenciais: O Embaixador José Herran-Lima apresenta suas cartas de nomeação à Sua Excelência Martín Torrijos Espina, Presidente do Panamá, no Palácio de las Garzas, na Cidade do Panamá.

Apesar de ter nascido no Canadá, Guillermo Rishchynski passou os primeiros anos de vida no Panamá, país natal de sua mãe. Sua “vida em movimento” teve início quando tinha seis semanas de vida e a mãe e o pai canadense, um representante de vendas da Westinghouse, partiram de Toronto rumo à Cidade do Panamá. Após uma década ali, a família viveu vários anos nos Estados Unidos. Em 1967, quando o Sr. Rishchynski visitou a Expo 67, “apaixonei-me pelo Canadá e decidi que era para lá que queria voltar para morar”.

Após trabalhar por vários anos em uma empresa de comércio exterior, em Ottawa, época em que viajou por todo o mundo e conheceu Jeanette Portillo Tinoco, sua esposa de origem hondurenha, em 1982 ele ingressou no serviço diplomático canadense. Seus primeiros cargos foram como representante comercial no Rio de Janeiro e em São Paulo, Brasil. O Sr. Rishchynski também serviu em Aman, Melbourne,

Jakarta, Chicago e foi embaixador do Canadá na Colômbia. Em setembro último, voltou ao Brasil, perfazendo uma trajetória circular em sua carreira diplomática.

Tal como o colega no Panamá, o Sr. Rishchynski acredita que os laços do Canadá com a região precisam ser fortalecidos. “O Brasil e o Canadá precisam se conhecer melhor. Ambos somos países grandes, multiétnicos, multiculturais. Ambos somos federações – dentre as poucas do hemisfério”. Nos últimos anos, houve uma série de conflitos comerciais entre os dois países, diz ele, mas “precisamos superar essas questões, trabalhar mais estreitamente nas áreas em que os nossos pontos de vista convergem, e administrar melhor nossas diferenças, sem perder de vista a totalidade de nossas relações”.

O Sr. Rishchynski e o Sr. Herran-Lima vêem o Canadá como um ator chave na Organização dos Estados Americanos no que se refere à promoção da democracia, e um país com um papel central no hemisfério.

O modelo de democracia social do Canadá é interessante para os latino-americanos, diz o Sr. Herran-Lima. Segundo ele, “um número crescente de pessoas está olhando para o Canadá, vendo que conseguimos alcançar crescimento econômico e igualdade social, e achando isso muito intrigante”. 🍁



Veiculando a mensagem: Guillermo Rishchynski é entrevistado por Ginette Lamarche, correspondente da Radio Canadá para a América do Sul, no Consulado Geral do Canadá no Rio de Janeiro.



O Embaixador do Canadá no Brasil, Guillermo Rishchynski, e sua esposa Jeanette Portillo Tinoco, de origem hondurenha, já contam oito postos no exterior.

## Laços de família

Além das raízes latinas e de carreiras longas e diversificadas, José Herran-Lima e Guillermo Rishchynski têm em comum outra semelhança – os dois são casados, ambos têm dois filhos que cresceram em diversas capitais do mundo, e agora enfrentam as separações e os dilemas de família típicos da vida no exterior.

“O serviço diplomático tem sido muito enriquecedor para os nossos filhos”, diz o Sr. Rishchynski, cujo filho e filha atualmente estão na universidade, em Washington. “Ele os tornou pessoas muito adaptáveis, muito tolerantes para com as diferenças. E eles têm um entendimento bem fundamentado do mundo”.

Este é o oitavo posto ocupado pelo Sr. Rishchynski, e o primeiro sem os filhos. Mas ele ressalta que os dois *Schnauzers* da família estão no Brasil, desfrutando do quinto período no exterior.

A filha mais nova do Sr. Herran-Lima acaba de se juntar à irmã mais velha na Universidade de Ottawa este ano, e ele e a esposa, Susan Magee, tomaram uma difícil decisão: Magee ficará em Ottawa não só para dar apoio às filhas mas também para continuar trabalhando como funcionária administrativa consular no Ministério das Relações Exteriores do Canadá (*Foreign Affairs Canada* – FAC).

Magee está no departamento desde 1976 e, apesar de o FAC sempre os ter apoiado como um casal que trabalha, a missão no Panamá é pequena demais para empregar os dois. “Decidimos experimentar por um ano”, diz o Sr. Herran-Lima. “Depois, examinaremos a questão novamente.”

# ENCONTRANDO UM DENOMINADOR COMUM

**Com o apoio do Canadá, os povos indígenas do hemisfério têm trabalhado conjuntamente em questões que vão de direitos e autodeterminação ao desenvolvimento sustentável e o controle de terras e recursos.**

Quando Darrel McLeod, um nehiyaw (da etnia cree) do território do Tratado nº. 8, em Alberta, encontra outra pessoa aborígine de qualquer lugar das Américas, são necessários apenas alguns minutos de conversa para que encontrem um denominador comum.

Podem comparar observações sobre como mantêm vivas suas línguas e culturas, discutir preocupações sociais e de saúde, que são muito difundidas entre as comunidades indígenas, ou perguntar como os tribunais, nos

respectivos países, tratam as questões de reivindicação de terras.

McLeod, diretor executivo da Diretoria de Relações Internacionais da Assembléia das Primeiras Nações (AFN), diz que essas preocupações em comum constituem o pano de fundo dos crescentes elos entre os povos indígenas do Canadá e do restante das Américas – elos em cujo fortalecimento Canadá está desempenhando um papel de liderança.

Segundo o Banco Interamericano de Desenvolvimento, há cerca de 55 milhões de povos indígenas em todas as Américas – aproximadamente sete por cento da população. Os indicadores sociais desse grupo apresentam maiores índices de pobreza, analfabetismo, desnutrição e doenças, bem como menores índices de acesso a emprego, recursos de financiamento, educação e serviços de saúde do que entre os povos não-indígenas.

McLeod diz que os povos indígenas das Américas vêm colaborando informalmente há cerca de 50 anos, porém, cada vez mais, seus problemas integram o diálogo político em um nível mais elevado.

A Primeira Cúpula de Povos Indígenas das Américas, realizada em Ottawa, em 2001, em antecipação à Terceira Cúpula das Américas, contou com o apoio do governo canadense e de organizações aborígines. A AFN foi um dos principais organizadores da Segunda Cúpula de Povos Indígenas realizada em Buenos Aires, no último verão, alguns dias antes da Quarta Cúpula das Américas.

Uma declaração adotada rejeita acordos internacionais tais como NAFTA e Mercosul, exige a participação dos povos indígenas nos fóruns internacionais, bem como o reconhecimento dos valores intrínsecos da relação dos povos indígenas com suas terras, recursos, valores espirituais e sistemas de crenças ancestrais.

A declaração, apresentada à Cúpula das Américas e parcialmente adotada pela mesma alguns dias depois, apela para a participação dos povos indígenas no processo político. “Sem a nossa inclusão em caráter igualitário”, afirma, “a democracia nos Estados continuará incompleta e insatisfatória”.

Keith Smith, assessor sênior de políticas sobre questões aborígines do Ministério das Relações Exteriores canadense, declara que o governo federal apóia as iniciativas aborígines de diversas formas – inclusive mediante o Programa de Parcerias com Povos Indígenas (IPPP), financiado pela Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional (CIDA). Esse programa oferece oportunidades para que organizações indígenas na América Latina e no Caribe formem parcerias com grupos aborígines canadenses, objetivando contribuir para o desenvolvimento sustentável dos povos indígenas em suas regiões.

Smith afirma que o Canadá “tem muito a oferecer em termos de melhores práticas e lições aprendidas” quanto à política aborígine, e que também deseja aprender com outros países.

O Canadá apóia os esforços da Organização dos Estados Americanos com vista à elaboração de uma Declaração Americana sobre os Direitos dos Povos Indígenas que venha a melhorar a qualidade de vida e a segurança humana dos povos indígenas da região.

Simbolizando o compromisso do Canadá com as questões aborígines nas Américas – e os elos entre os povos indígenas daqui – um *inukshuk*, criado pelo mestre entalhador *inuit* Bill Nasogaluak, constitui a peça mais importante da nova Praça Canadá na Cidade da Guatemala, capital da Guatemala, país no qual os povos indígenas constituem a maior parte da população. 🍁

foto: FAC



Um inukshuk cresce na Guatemala: A peça central da nova Praça Canadá na Cidade da Guatemala é um inukshuk criado pelo mestre entalhador *inuit*, Bill Nasogaluak, com pedra guatemalteca e tendo no coração um pedaço de granito canadense dos Territórios do Noroeste.

# FAZENDO A CONEXÃO

**Uma organização patrocinada pelo Canadá ajuda a abreviar o hiato digital no hemisfério.**

Há uma imagem na mente de Ben Petrazzini, uma imagem que toma forma quando ele fala sobre o que faz o Instituto para a Conectividade nas Américas (ICA).

Um professor, digamos, na Colômbia, ajuda a desenvolver uma ferramenta de *software* inovadora para ensinar matemática aos alunos da terceira série do ensino fundamental. O software é disponibilizado *on-line* na Colômbia, no Portal Nacional de Educação e, no dia seguinte, o programa pode ser baixado e usado por crianças de escolas de Baja California, no noroeste do México, até Terra do Fogo, no extremo sul da América do Sul. Instantaneamente, escolas com poucos recursos passam a ter uma nova ferramenta de ensino.

Três anos após iniciar suas atividades, o ICA torna este tipo de conectividade instantânea uma realidade. O instituto apóia o desenvolvimento da tecnologia de comunicação e informação não apenas para crianças em idade escolar, mas também para vilarejos que precisam de conexões via Internet, funcionários públicos que desejam compartilhar melhores práticas e executivos interessados em ampliar seus conhecimentos e desenvolver suas habilidades.

“A maioria dos países trabalha de forma isolada”, informa Petrazzini, gerente interino do ICA. “Somos vistos como uma espécie de parceiro objetivo que facilita a integração na região”.

Operando com um orçamento de 20 milhões de dólares para um período de cinco anos até 2007, o ICA financia alguns projetos e atua como facilitador em outros. Tem a flexibilidade para trabalhar com governos, organizações não-governamentais e com o setor privado, afirma Luis Barnola, especialista



fotos: Y. Beaulieu, IDRC

em programas do ICA, em Ottawa. “Somos um catalisador”.

O ICA foi criado como parte da contribuição do Canadá para a Cúpula das Américas de 2001, realizada na Cidade de Quebec. Durante o boom digital dos anos 90 – quando a Internet passou de novidade a necessidade – ficou claro que partes da América Latina e o Caribe precisavam ser alavancados.

Trabalhando por meio do Centro Internacional de Pesquisa e Desenvolvimento do Canadá, contando com 10 funcionários em tempo integral sediados em Ottawa e Montevidéu, Uruguai, o instituto já patrocinou 60 iniciativas desde 2002.

O ICA tem trabalhado, por exemplo, para conectar os portais nacionais de educação de vários países latino-americanos. Essa conexão já está em pleno funcionamento e permite o compartilhamento do *software* de matemática para o terceiro ano do ensino fundamental, que Ben Petrazzini usou como exemplo.

“Esses portais estavam trabalhando isoladamente, e o que o ICA fez foi financiar a criação de uma rede regional”, explica Petrazzini, que trabalha em Montevidéu.

“Os ministérios da educação de cada país são membros da rede, e quando produzem conteúdo educacional, tal



▲ Um emaranhado de fios conecta casas de concreto em Olocuilta, El Salvador.

◀ O boom digital: Em Belén de los Andaquíes, Colômbia, pai e filho transportam um monitor de computador a cavalo.

conteúdo é imediatamente difundido por toda a região”, afirma. “É uma solução muito avançada porque multiplica o conteúdo educacional e permite que crianças de todos os lugares tenham acesso às mesmas ferramentas pedagógicas inovadoras”.

O ICA tem muitos outros projetos. @Campus, por exemplo, uma plataforma piloto de *e-learning*, concebida pelo serviço público mexicano, já treinou mais de 800 funcionários públicos mexicanos em um esforço para aumentar a eficiência e a responsabilização, bem como para fortalecer a democratização. O projeto, que tem sido aclamado internacionalmente como um modelo, está pronto para ser implementado em outros países, explica Barnola, que encabeçou a iniciativa.

A conectividade não se restringe a ferramentas de ensino. O ICA também está trabalhando na tecnologia de fidelidade sem fio (WiFi) e conectando áreas remotas usando a Internet de baixo custo e alta velocidade.

Petrazzini afirma que “muitos dos nossos projetos têm por objetivo dar a comunidades excluídas a oportunidade de entrarem na era da informação.”

**Saiba mais sobre o ICA acessando [www.icamericas.net](http://www.icamericas.net).**

# OPORTUNIDADES DE CRESCIMENTO

**As empresas canadenses que entram nas potências econômicas da América do Sul estão recebendo recompensas valiosas.**

Em uma recente viagem ao Brasil, Tom Teixeira, executivo de *software* de Vancouver, experimentou em primeira mão o apetite do gigante global emergente por produtos canadenses.

Em uma recepção de negócios para sua empresa, ACL Services Ltd., em São Paulo, o índice de comparecimento de funcionários de alto calibre convidados dentre empresas de primeira linha e órgãos governamentais do Brasil foi, surpreendentemente, de 100 por cento.

“Há um profundo interesse das principais organizações em trabalhar conosco”, afirma Teixeira, cuja empresa entrou no mercado brasileiro há nove anos. “É algo que nunca vimos antes.”

tendo o Brasil como principal cliente e o Chile crescendo rapidamente nos gráficos – a ACL agora se prepara para mais um grande aumento nas vendas.

“Estamos sentados na ponta do iceberg”, diz Teixeira. “As oportunidades que descobrimos nos últimos nove anos têm sido consideráveis, mas o que vemos agora é que estão crescendo exponencialmente.”

Em um continente outrora comprometido pela instabilidade política e econômica, as experiências de Teixeira também valem para outros investidores e empresas canadenses que agora estão tendo sucesso. É o caso principalmente no Brasil e no Chile, que, após o retorno à democracia no final da década de 1980, retiraram muitas barreiras ao comércio e aos investimentos estrangeiros. Atualmente, os dois países representam 60 por cento do investimento estrangeiro direto do Canadá na região, particularmente em razão de acordos tributários que simplificam o tratamento dado a cidadãos estrangeiros.

O Brasil – o maior mercado da América do Sul, com 178 milhões de habitantes – ocupa o 13º lugar entre as economias do mundo e o primeiro entre os parceiros comerciais do Canadá na região. Em 2004, o comércio bilateral entre Canadá e Brasil foi de 3,2 bilhões de dólares, um aumento de 24,7 por cento em relação a 1995, sendo que o Brasil apresenta um superávit crescente, segundo o *Statistics Canada*.

Empresa canadense recém-chegada ao mercado brasileiro na última década, The Woodbridge Group, sediado em Mississauga, Ontário, fabrica produtos de espuma para assentos para o setor automotivo em 18 países. Em 1996, trabalhando com um parceiro local, Woodbridge tornou-se o primeiro grande fornecedor automotivo canadense a se instalar no Brasil – atendendo a seis fabricantes de carros, em três fábricas. Após comprar a participação de seu

sócio em 1999, atualmente a Woodbridge abastece 21 fabricantes de veículos em todo o mundo a partir de suas quatro fábricas no Brasil.

“A experiência tem sido a melhor possível”, diz William Santos, gerente operacional das fábricas da empresa no Brasil, que se destaca sistematicamente nas comparações internacionais de qualidade. “As pessoas aqui trabalham duro e não se satisfazem com resultados que fiquem na média”, acrescenta. “Sempre querem estar por cima.”

Tal como o Brasil, o Chile é um país rico em recursos que está abrindo as portas a um conjunto diversificado de empreendedores, indo além do histórico enfoque na mineração. Apesar de o país ser menor, com 16 milhões de habitantes, recentemente a Unidade de Inteligência da revista *The Economist* classificou o Chile como 19º entre os 60 melhores países com os quais fazer negócios nos próximos cinco anos.

Desde 1991, a Methanex Corp de Vancouver fez do Chile a principal base para sua produção global de metanol, um ingrediente básico em produtos domésticos e industriais. Nesse período, a Methanex investiu 1,3 bilhões de dólares no sul do Chile, que está próximo de campos de petróleo ricos em gás e de rotas de transporte oceânico. No início do ano, a empresa abriu sua quarta fábrica perto de Punta Arenas, elevando a produção de todas as suas fábricas chilenas para quatro milhões de toneladas de metanol por ano – aproximadamente 12 por cento do mercado mundial.

“O Chile é um excelente país para se fazer negócios”, afirma o presidente e CEO da Methanex, Bruce Aitken. “Acolhe muito bem os investidores estrangeiros e desenvolveu uma economia aberta e bem sucedida.”

Na última década, crescendo a partir de uma base pequena, o comércio bilateral entre o Canadá e o Chile deu



Mercado aquecido: Operadores gritam ordens no pregão do mercado de ações da Bovespa, em São Paulo, Brasil – a maior bolsa de valores da América Latina.

A ACL Services desenvolve ferramentas de *software* específicas para auditoria, que são vendidas em 137 países, em um campo no qual os governos e o setor privado competem para atender os novos padrões globais de proteção contra a corrupção e o desperdício. Após anos de crescimento empresarial de dois dígitos na América do Sul –





Bruce Aitken, presidente e CEO da Methanex Corporation (terceiro da esquerda), visita a nova unidade da empresa em Punta Arenas, Chile, com executivos da alta gerência e funcionários.

um salto de 150 por cento, chegando a 1,6 bilhões de dólares em 2004, estimulado por um tratado de comércio bilateral assinado em 1997. Tal acordo permite que a maioria dos produtos industriais e agrícolas do Canadá entre no Chile sem a incidência de impostos, o que confere ao Canadá uma vantagem significativa em relação aos demais países, que pagam uma tarifa de 7 por cento.

Aqueles que negociam na região dizem que países como Brasil e Chile apresentam uma série de desafios, inclusive a considerável distância do Canadá, além das barreiras do idioma e questões aduaneiras. No entanto, o Canadá também tem muito em comum com esses países: climas de negócios semelhantes, boa infra-estrutura, mão-de-obra bem qualificada e consumidores sofisticados. As empresas canadenses com frequência procuram parceiros locais – mediante *joint ventures*, representantes de vendas ou outros tipos de acordo – a fim de estabelecerem uma presença antecipadamente.

Teixeira está satisfeito com o êxito de sua empresa no Brasil e no Chile, mas adverte àqueles que desejam realizar negócios nesses países a fazerem o dever de casa.

“É dever de quem quer que esteja entrando em um mercado, entendê-lo”, afirma. “Nenhuma oportunidade de crescimento é livre de riscos”. ❁

**Para maiores informações sobre o comércio com o Brasil, Chile e outros países da América do Sul e do Caribe, visite o Serviço do Comissariado de Comércio acessando [www.infoexport.gc.ca](http://www.infoexport.gc.ca) e faça uma consulta sobre a região.**

## O APRENDIZADO COM MAPLE BEAR

Quando o assunto é aprender sobre o Canadá, as crianças no Brasil estão começando cedo.

Crianças da pré-escola no Brasil, que freqüentam as novas escolas *Maple Bear* serão apresentadas ao Canadá em aulas sobre os costumes, a cultura e os ursos do país, além de músicas, poemas e livros de autores canadenses. Tudo faz parte de um currículo bilíngüe centrado nas crianças de três a seis anos de idade, desenvolvido por especialistas canadenses em educação infantil inicial e ministrado por franquias locais no Brasil.

“Começamos o mais cedo possível”, diz Rodney Briggs, presidente da Rede Centro de Educação Canadense (CEC), uma empresa privada, sem fins lucrativos, que promove e faz o *marketing* do Canadá como um destino de estudo para estudantes internacionais e que desenvolveu o *Maple Bear*. “Não há dúvida de que este programa é canadense”.

Seis escolas *Maple Bear* já foram inauguradas no Brasil, de um total de 52 pré-escolas aguardadas no país dentro de quatro anos. Há quatro escolas *Maple Bear* em funcionamento na Índia e planos de dar início ao programa na Coreia do Sul, Turquia, México e Rússia.

“É uma forma positiva de difundir a mensagem sobre a educação canadense”, afirma Briggs, acrescentando que há muita demanda por tais programas de pré-escola em países que se desenvolvem rapidamente, com uma classe média florescente. “Os pais buscam educação de alta qualidade, nos moldes ocidentais, que propicie a seus filhos a oportunidade de iniciarem bem a vida.”

Espera-se que esses programas influenciem mais do que apenas educandos de tenra idade, e que as escolas “imprimam

a marca” Canadá e aperfeiçoem as relações bilaterais entre os países. Quando crescerem, os alunos das escolas *Maple Bear* poderão escolher o Canadá como destino para seus estudos. O CEC atua em 17 países em todo o mundo, representando 300 instituições canadenses que vão de universidades a faculdades comunitárias e escolas de ensino médio, bem como cursos de idiomas e acampamentos de verão.

O Canadá é o principal destino de estudos para os brasileiros. Dez mil estudantes brasileiros viajaram ao Canadá no ano passado, atraídos pelos

baixos custos, pelo processo simplificado de obtenção de visto, pela possibilidade de estudar inglês ou francês e pelos poucos problemas de segurança, afirma Briggs. “Eles vêem o Canadá como um país acolhedor, seguro,

com programas educacionais de boa qualidade”.

Fernanda Purchio, gerente da CEC Brasil em São Paulo, diz que o número de brasileiros que escolhem estudar no Canadá deve crescer. No Brasil há mais de 55 milhões de alunos em programas educacionais formais, a quarta maior população de estudantes do mundo após a China, a Índia e os Estados Unidos.

Também há uma Associação Brasileira de Estudos Canadenses bastante atuante, com 16 Centros de Estudos Canadenses situados em universidades brasileiras, que reforçam os laços acadêmicos entre instituições no Brasil e no Canadá. ❁

**Para obter mais informações, consulte os sites:**

[www.maplebear.com.br](http://www.maplebear.com.br)

[www.abecan.com.br](http://www.abecan.com.br)

[www.studycanada.ca/brazil](http://www.studycanada.ca/brazil)



# REPRESENTAÇÕES DO GOVERNO DO CANADÁ

Para obter mais informações sobre as relações entre o Canadá e as Américas, entre em contato com as representações do Governo do Canadá na região ou visite : [www.americascanada.gc.ca](http://www.americascanada.gc.ca).

## Argentina

### Embaixada do Canadá na Argentina

Tagle 2828, C1425EEH  
(Casilla de Correo 1598 C1000WAP  
Correo Central)  
Buenos Aires, Argentina  
Telefone: (54-11) 4808-1000  
Fax: (54-11) 4808-1111  
E-mail: [bairs-webmail@international.gc.ca](mailto:bairs-webmail@international.gc.ca)  
Sitio: Embaixada do Canadá na  
Argentina e Consulado do Canadá  
Honorario no Paraguai:  
[www.buenosaires.gc.ca](http://www.buenosaires.gc.ca)

## Barbados

### Alto Comissariado do Canadá em Barbados

O Alto Comissariado representa  
também o Canadá na Anguila, Antígua  
e Barbuda, nas Ilhas Virgens Britânicas,  
Dominica, Granada, Guadalupe,  
Martinica, Montserrat, São Cristóvão  
e Névis, Santa Lúcia, São Vicente  
e Granadinas.  
Bishop's Court Hill (P.O. Box 404)  
Bridgetown, Barbados  
Telefone: (246) 429-3550  
Fax: (246) 429-3780  
E-mail: [bdgtn@international.gc.ca](mailto:bdgtn@international.gc.ca)  
Sitio: [www.bridgetown.gc.ca](http://www.bridgetown.gc.ca)

## Brasil

### Embaixada do Canadá no Brasil

SES – Av. das Nações, Quadra  
803, Lote 16 70410-900  
Brasília DF – Brasil  
Telefone: (55-61) 3424-5400  
Fax: (55-61) 3424-5490  
E-mail: [brsla@international.gc.ca](mailto:brsla@international.gc.ca)  
Sitio: [www.brasilia.gc.ca](http://www.brasilia.gc.ca)

### Consulado Geral em São Paulo

Av. das Nações Unidas,  
12901 – 16º andar,  
04578-000 – São Paulo, SP – Brasil  
Telefone: (55 11) 5509-4321  
Fax: (55 11) 5509-4260  
E-mail: [spalo@international.gc.ca](mailto:spalo@international.gc.ca)  
Sitio: [www.saopaulo.gc.ca](http://www.saopaulo.gc.ca)

### Consulado Geral no Rio de Janeiro

Av. Atlântica, 1130 – 5º andar  
Atlântica Business Center  
Copacabana  
22021-000 Rio de Janeiro – RJ  
Telefone: (0 21) 2543-3004  
Fax: (0 21) 2275-2195  
Email: [rio@international.gc.ca](mailto:rio@international.gc.ca)  
Sitio: [www.riodejaneiro.gc.ca](http://www.riodejaneiro.gc.ca)

## Chile

### Embaixada do Canadá no Chile

Nueva Tajamar 481 – Piso 12  
Torre Norte (Edifício World Trade Center)  
Santiago, Chile  
Telefone: (56-2) 362-9660  
Fax: (56-2) 362-9663  
E-mail: [stago@international.gc.ca](mailto:stago@international.gc.ca)  
Sitio: [www.santiago.gc.ca](http://www.santiago.gc.ca)

## Colômbia

### Embaixada do Canadá na Colômbia

Carrera 7 #115-33 Piso 14  
(Apartado Aereo 110067)  
Bogotá, Colombia  
Telefone: (57-1) 657-9800  
Fax: (57-1) 657-9912  
E-mail: [bgota@international.gc.ca](mailto:bgota@international.gc.ca)  
Sitio: [www.bogota.gc.ca](http://www.bogota.gc.ca)

## Costa Rica

### Embaixada do Canadá na Costa Rica

Acreditada também na Nicarágua  
e Honduras.  
Apartado Postal: 351-1007,  
Centro Colón  
San José, Costa Rica  
Telefone: (506) 242-4400  
Fax: (506) 242-4410  
E-mail: [sjra@international.gc.ca](mailto:sjra@international.gc.ca)  
Sitio: [www.sanjose.gc.ca](http://www.sanjose.gc.ca)

## Cuba

### Embaixada do Canadá em Cuba

Calle 30 No. 518 (esq. 7ma)  
Miramar (Playa)  
Habana, Cuba  
Telefone: (53-7) 204-2516  
Fax: (53-7) 204-2044  
E-mail: [havan@international.gc.ca](mailto:havan@international.gc.ca)  
Sitio: [www.havana.gc.ca](http://www.havana.gc.ca)

## Equador

### Embaixada do Canadá no Equador

Av. 6 de Diciembre 2816 y Paul Rivet,  
Edifício Josueth González, 4to Nivel  
Apartado Postal 17-11-6512  
Quito, Ecuador  
Telefone: (593-2) 2232-114  
Fax: (593-2) 2503-108  
E-mail: [quito@international.gc.ca](mailto:quito@international.gc.ca)  
Sitio: [www.quito.gc.ca](http://www.quito.gc.ca)

## El Salvador

### Embaixada do Canadá em El Salvador

Centro Financiero Gigante  
63 Av. Sur y Alameda Roosevelt  
Local 6, Nivel Lobby II  
San Salvador, El Salvador  
Telefone: (503) 2279-4655  
Fax: (503) 2279-0765  
E-mail: [ssal@international.gc.ca](mailto:ssal@international.gc.ca)  
Sitio: [www.sansalvador.gc.ca](http://www.sansalvador.gc.ca)



A Embaixada do Canadá no Brasil



O Alto Comissariado do Canadá na Jamaica

## Guatemala

### Embaixada do Canadá na Guatemala

13 Calle 8-44 Zone 10  
Edifício Edyma Plaza  
(Apartado Postal 400)  
Guatemala, C.A.  
Telefone: (502) 2363-4348  
Fax: (502) 2365 1210 (General)  
E-mail: [gtmla@international.gc.ca](mailto:gtmla@international.gc.ca)  
Sítio: Embaixada do Canadá na Guatemala e Alto Comissariado do Canadá no Belize: [www.guatemala.gc.ca](http://www.guatemala.gc.ca)

## Guiana

### Alto Comissariado do Canadá na Guiana

Acreditado também no Suriname e junto ao CARICOM  
Young & High Streets (P.O Box 10880)  
Georgetown, Guyana  
Telefone: (592) 227-2081  
Fax: (592) 225-8380  
E-mail: [grgtn@international.gc.ca](mailto:grgtn@international.gc.ca)  
Sítio: [www.georgetown.gc.ca](http://www.georgetown.gc.ca)

## Haiti

### Embaixada do Canadá no Haiti

Delmas between Delmas 75 and 71  
Port-au-Prince, Haiti  
Telefone: (509) 249-9000  
Fax: (509) 249-9920  
E-mail: [prrnce@international.gc.ca](mailto:prrnce@international.gc.ca)  
Sítio: [www.port-au-prince.gc.ca](http://www.port-au-prince.gc.ca)

## Jamaica

### Alto Comissariado do Canadá na Jamaica

Acreditado também nas Bahamas, nas Ilhas Caimanes e nas Ilhas Turcas y Caicos.

3 West Kings House Road,  
Waterloo Road Entrance (P.O. Box 1500)  
Kingston, Jamaica  
Telefone: (876) 926-1500  
Fax: (876) 960-3861  
E-mail: [kkgtn@international.gc.ca](mailto:kkgtn@international.gc.ca)  
Sítio: [www.kingston.gc.ca](http://www.kingston.gc.ca)

## Panamá

### Embaixada do Canadá no Panamá

World Trade Center, Primer piso  
Galería Comercial, Calle 53E  
Marbella (Apartado 0832-2446)  
Panamá, República de Panamá  
Telefone: (507) 264-9731  
Fax: (507) 263-8083  
E-mail: [panam@international.gc.ca](mailto:panam@international.gc.ca)  
Sítio: [www.panama.gc.ca](http://www.panama.gc.ca)

## Peru

### Embaixada do Canadá no Peru

Libertad 130 – Miraflores  
(Casilla 18-1126, Correo Miraflores)  
Lima, Perú  
Telefone: (51-1) 444-4015  
Fax: (51-1) 242-4050  
E-mail: [lima@international.gc.ca](mailto:lima@international.gc.ca)  
Sítio: Embaixada do Canadá no Peru e Consulado na Bolívia: [www.lima.gc.ca](http://www.lima.gc.ca)

## República Dominicana

### Embaixada do Canadá na República Dominicana

Capitán Eugenio de Marchena  
No. 39 (A.P. 2054)  
Santo Domingo, República Dominicana  
Telefone: (809) 685-1136  
Fax: (809) 682-2691  
E-mail: [sdmgo@international.gc.ca](mailto:sdmgo@international.gc.ca)  
Sítio: [www.santodomingo.gc.ca](http://www.santodomingo.gc.ca)

## Trinidad e Tobago

### Alto Comissariado do Canadá em Trinidad e Tobago

Maple House, 3-3A Sweet Briar Rd.,  
(P.O. Box 1246)  
St. Clair, Port of Spain,  
Republic of Trinidad and Tobago  
Telefone: (868) 622-6232  
Fax: (868) 628-1830  
E-mail: [pspan@international.gc.ca](mailto:pspan@international.gc.ca)  
Sítio: [www.portofspain.gc.ca](http://www.portofspain.gc.ca)

## Uruguai

### Embaixada do Canadá no Uruguai

Plaza Independencia 749  
Oficina 102, 11100  
Montevideo, Uruguay  
Telefone: (598-2) 902-2030  
Fax: (598-2) 902-2029  
E-mail: [mmvdeo@international.gc.ca](mailto:mmvdeo@international.gc.ca)  
Sítio: [www.montevideo.gc.ca](http://www.montevideo.gc.ca)

## Venezuela

### Embaixada do Canadá na Venezuela

Av. Francisco de Miranda  
con Altamira Sur  
Altamira, Caracas 1060  
(Apartado 62302)  
Caracas, Venezuela  
Telefone: (58-212) 600-3000  
Fax: (58-212) 261-8741  
E-mail: [crcas@international.gc.ca](mailto:crcas@international.gc.ca)  
Sítio: [www.caracas.gc.ca](http://www.caracas.gc.ca)

O Alto Comissariado do Canadá em Trinidad e Tobago



## Crônicas de Cuba

Como cronista de paisagens culturais, Elaine Ling, fotógrafa de Toronto, encontrou terreno fértil em Cuba.

Nascida em Hong Kong e tendo se mudado para o Canadá aos nove anos, Ling, que é médica e fotógrafa, divide seu tempo entre as duas profissões, como uma incansável viajante “atraída para as áreas despovoadas e míticas do planeta”. Trabalhou como médica em lugares como Nepal, Abu Dhabi e o norte do Canadá, inclusive nas regiões oriental e ocidental do Ártico, onde fotografou desertos, pedras, ruínas e famílias nômades isoladas.

Ela diz que em Cuba, “uma ilha aprisionada entre a grandiosa glória do velho mundo e a decadência da época imediata”, ela encontrou “uma paisagem urbana que reflete a luta entre a vida cotidiana e as vagarosas forças da natureza”. Respondendo a convites de pessoas para fazer visitas, ao vagar pelas ruas com sua câmera, Ling capturou imagens em preto-e-branco de santuários familiares, ícones comunistas, artefatos do esplendor do passado, ninfas esculturas e jardins congelados no tempo.

Ling apresentou suas imagens em quatro capítulos: arquitetura, interiores, religião e jardins, e as expôs em todo o mundo e também por toda a América Latina.

Ling encontrou Cuba em meio a uma metamorfose; de fato, uma “nova energia tangível” já reconstruiu e restaurou algumas das edificações em ruínas que ela fotografara poucos meses antes.

Veja mais sobre a fotografia de Elaine Ling em [www.elaineling.com](http://www.elaineling.com).

Religião: *Santuário familiar de Santa Teresa*Jardins: *Jardim da dança*Jardins: *Tropicana*Arquitetura: *Casa*